

Fechando a boca do fuxico etnográfico

Closing the ethnographic fuxico's mouth

Gabriela Novaes Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Rio Grande do Norte, Brasil.

gabrielanovaesantos@gmail.com.

<https://orcid.org/0000-0002-5613-7538>.

Recebido em: 08 de maio de 2025

Aceito em: 08 de junho de 2025

Resumo

Este artigo busca aprofundar a ideia de *fluxico etnográfico*, pensada a partir da pesquisa realizada no âmbito do projeto de extensão Histórias de Quilombo (Unila/UFPB) durante os anos de 2022 e 2023 com as Fuxiqueiras do Bem, grupo de artesãs do quilombo de Mituaçu, Conde, Paraíba. A partir da realização de oficinas de bordado livre, que ocorreram na EMEIEF Ovídio Tavares de Moraes de forma quinzenal, os encontros eram repletos de assuntos cotidianos, de histórias da memória coletiva e pessoal. O conceito de *fluxico etnográfico* é considerado aqui como método que pensa a presença da antropóloga em campo e a apresentação da pesquisa em seus formatos acadêmicos, além da valorização da experiência extensionista durante o processo de formação profissional.

Palavras-chave: Fluxico; Etnografia; Mituaçu; Antropologia bordada.

Abstract

This article seeks to explore the idea of ethnographic fluxico, based on the research carried out as part of the extension project Histórias de Quilombo (Unila/UFPB) during the years 2022 and 2023 with the Fuxiqueiras do Bem, a group of artisans from the Mituaçu quilombo, Conde, Paraíba. Through free embroidery workshops, which took place fortnightly at the EMEIEF Ovídio Tavares de Moraes, the meetings were full of everyday issues, stories from collective and personal memory. The concept of ethnographic fluxico is considered here as a method that thinks about the anthropologist's presence in the field and the presentation of the research in its academic formats, as well as valuing the extension experience during the professional training process.

Keywords: Fluxico; Ethnographic; Mituaçu; Embroidered anthropology.

Introdução

Este trabalho busca desenvolver o conceito de *fuxico etnográfico*, inicialmente elaborado na monografia intitulada “Fuxico do Bem: alinhavos entre memória, educação e bordado no quilombo de Mituaçu (Conde/PB)” (Santos, 2023), defendida para a conclusão da licenciatura em ciências sociais pela UFPB. A pesquisa que permitiu esses resultados ocorreu no âmbito do projeto de extensão Histórias de Quilombo (Unila/UFPB), entre 2022 e 2023, na realização de oficinas de bordado livre onde atuei comoicineira e teve como objeto o bordado como *prática tátil-reflexiva*. As oficinas ocorreram de forma quinzenal, na EMEIEF Ovídio Tavares de Moraes, com o grupo Fuxico do Bem, composto por Ana, Penha, Maria Aparecida, Lanny e Ivanilda, mulheres da comunidade quilombola de Mituaçu (Conde/PB) e pelas antropólogas Patrícia, Aina, Aline e Gabriela e pelo cientista social Fernando.

O Histórias de Quilombo tem uma longa trajetória junto ao quilombo de Mituaçu que data desde 2017. O grupo de artesanato Fuxico do Bem foi criado em 2019, durante oficinas de fuxico e bordado, também na escola quilombola. Desde então, as suas atividades têm acontecido de forma espaçada, no formato de imersões criativas e coletivas. As oficinas de 2022 e 2023 foram intensas, e tiveram duração de oito meses. Quinzenalmente, nos reunimos para aprender diferentes pontos de bordado livre. Também houveram dias que algumas mulheres preferiam por fazer fuxicos.

Após concluídos os encontros nas oficinas, passei à parte solitária da escrita do trabalho de conclusão de curso. Enquanto organizava os bordados, as pequenas notas de campo e relatórios de experiência do projeto, me perguntava sobre o que deveria contar. Como falar com essas mulheres não mais através de peças têxteis, mas no texto? Como descrevê-las? Como apresentar e contar sobre os nossos encontros? Quais histórias compartilhar?

Algumas perspectivas foram se cruzando e complexificando a experiência etnográfica. Fazer as oficinas era sinônimo de fazer campo. Durante a escrita, houve a ausência da mesa cheia de mulheres como nas oficinas, dando espaço a dúvidas e medo de acabar por realizar uma construção etnográfica perigosa e egoísta, colonialista e excludente. Aos poucos, bordado por bordado, fuxico por fuxico, compreendi como o ato de bordar juntas construiu os relatos, como as mulheres guiavam as narrativas das

tardes e contavam com a nossa parceria e respeito mútuo para contar sobre a comunidade e sobre si mesmas enquanto artesãs, agricultoras, escritoras, donas de casa.

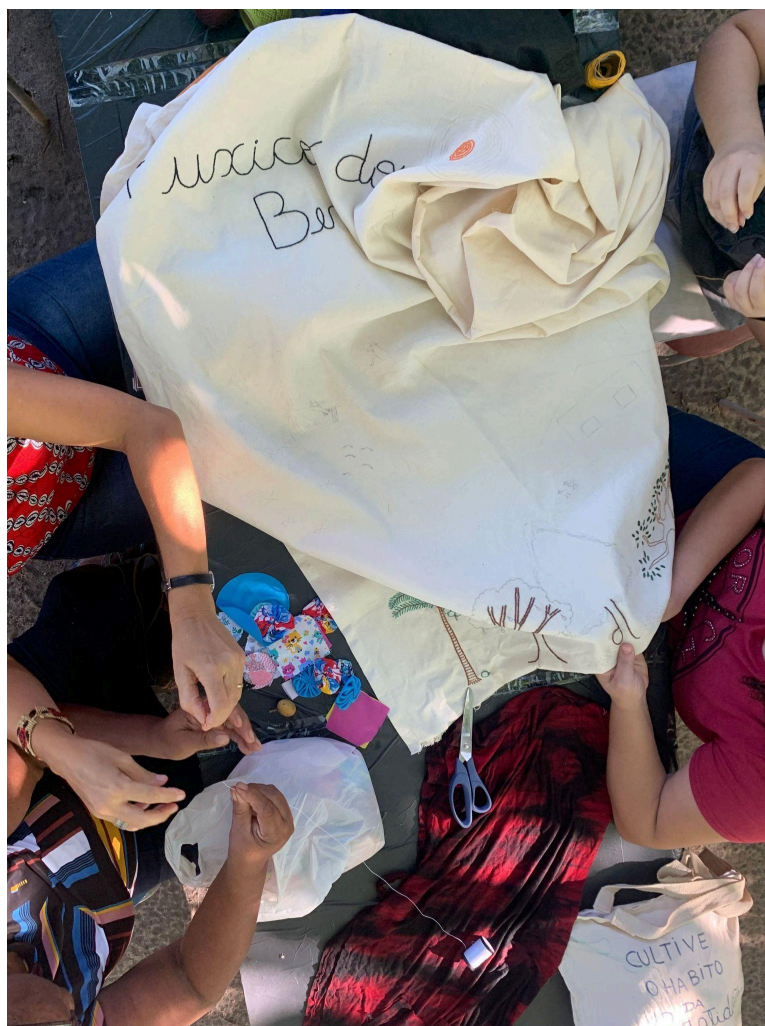
Fazer fuxicos

Em 2019, o projeto Histórias de Quilombo realizou encontros com mulheres do quilombo de Mituaçu para fazer artesanatos, bordar em toalhas e fazer toalhas de fuxico. Os encontros aconteceram na escola Ovídio Tavares de Moraes e a partir desses encontros de pensares e fazeres manuais foi criado o grupo Fuxico do Bem, composto pelas mulheres quilombolas e docentes e estudantes em ciências sociais da UFPB. Um por um, cada fuxico alimentou novas perspectivas de um fazer antropológico compartilhado.

Em Mituaçu, pode-se fazer fuxico de diferentes formas. Uma delas é utilizando linha 10, agulha — rombuda ou não —, um molde de papelão circular, tesoura e retalhos de tecido. Primeiro, riscamos com uma caneta no papelão uma figura circular. Quanto maior a figura, maior será o fuxico. Cortado o molde, o utilizamos para riscar mais uma vez com a caneta, mas agora no pedaço de tecido escolhido e então recortamos o tecido seguindo a linha delineada. Com a agulha nas mãos, inserimos o pedaço de linha 10 e damos um nó de costureira de forma que una as duas pontas da linha. Inserindo a agulha no tecido, começamos então com um ponto de arremate, e depois seguimos com o ponto alinhavo em toda a extremidade do tecido. Ao final, é só puxar e apertar a linha que está no tecido, e fechamos a boca do fuxico. Para o último arremate, entramos com a agulha na boca do fuxico e damos o último ponto em seu verso¹.

¹ Para quem quiser aprender, Dona Penha nos ensina a fazer fuxico:
https://www.youtube.com/watch?v=8QOiMkx5Gak&ab_channel=Hist%C3%B3riasdeQuilombo

Imagem 1 - Oficina de bordado e fuxico



Fonte: Acervo do projeto Histórias de Quilombo, 2023.

O outro jeito de fazer fuxico é pela oralidade, pode ser aprendido durante os nossos encontros. Pode ser feito com pauta única para a conversa ou não, e só precisa de mais de uma pessoa para acontecer. Com o retorno das atividades presenciais após o isolamento social imposto pela pandemia de covid-19, entre 2022 e 2023 organizamos coletivamente as novas atividades. A escolha foi pelas oficinas de bordado livre onde fuiicineira. Ao todo, foram 16 encontros para bordar e fuxicar.

Para planejar cada encontro, sistematizei um plano de curso que dava a cada dia dos encontros uma temática relacionada a Mituaçu, como os seus rios Jacoca e Gramame, tendo como objetivo bordar sobre os temas e guiar as conversas. Mas raramente os temas foram seguidos. Os bordados até contavam as histórias, mas os

fuxicos feitos oralmente desviavam para assuntos do cotidiano, os capítulos das novelas que assistiam e causos familiares. Em diferentes dias de oficinas, as mulheres de Mituaçu — que se auto referem como Fuxiqueiras do Bem — repetiam como o momento do encontro para bordar trazia a alegria de fazer fuxicos. Certa vez, Maria Aparecida contou na oficina que não iria bordar e estava ali apenas pelas companhias: “eu gosto mesmo é do fuxico”. O fuxico a que Maria se refere é o “alvoroço”, a conversa, as fofocas, as risadas. Assim, independentemente do tipo de artesanato ou técnica de bordado que fosse planejada a ser aprendida e compartilhada, o fuxico estava sempre presente.

Imagem 2 — Maria Aparecida entre fuxicos, 2023. Mãos de Maria Aparecida bordando uma aroeira. Ana, Lanny e Penha bordando utilizando bastidor



Fonte: Acervo do projeto Histórias de Quilombo, 2022.

Apesar de morarem próximas umas das outras, elas nos revelaram que pouco se encontravam, e que as atividades organizadas pelo projeto permitiam esse momento. A cada oficina, ficava mais explícita a importância do momento de reunião entre elas para conversar e fazer artesanatos. Era um momento de distração, de lazer em seus cotidianos que são normalmente preenchidos pelos trabalhos de cuidado com a família, a casa, o roçado e a pesca.

Imagem 3 — Bordado de uma manga feito por Maria Aparecida, 2022, e bordado de Dona Beré pescando feito por Aline Paixão, baseado no desenho de Aina Azevedo



Fonte: Acervo do projeto Histórias de Quilombo, 2023.

Fazer etnografia

Para alguns autores, a etnografia é o momento em que estamos distantes fisicamente do campo e o projetamos de forma escrita em textos a serem publicados. É o momento da descrição onde aderimos à linguagem institucional, aos paradigmas da disciplina, como um refinamento de informações, onde coletamos as que nos aparentam mais úteis para aquele momento. Mas existem outras compreensões, como a de James Clifford (2002), que compreende a etnografia como uma negociação. Para Tim Ingold (2015), por exemplo, quando estou no campo, também estou montando o texto, não sendo possível uma separação entre prática e teoria. Partindo da ideia de momento etnográfico, Marilyn Strathern (2014), atenta para a etnografia como um método que fica completo com a escrita, que é iniciada ainda quando estamos em campo. José Magnani (2009) e Mariza Peirano (2014) elencam a etnografia como prática e experiência, unidas à teoria.

O projeto Histórias de Quilombo (Unila/UFPB) como extensão universitária tem um papel interessante na reflexão sobre a etnografia, pois pensa a formação de forma coletiva, sempre repensando criticamente os seus processos e resultados. A extensão é uma oportunidade importante para (re)pensar a etnografia e os seus métodos já que há

uma construção não ingênua entre as diferentes formas de conhecimento e a inegável interação entre diferentes lugares sociais e suas relações de poder. Nesta relação entre o sistema institucional e o sistema do quilombo de Mituaçu, é imprescindível à prática científica compartilhada o reconhecimento dessas diferenças.

Durante este fazer etnográfico, proporcionado pelos encontros das oficinas, não foi simples a organização e preparação, enquanto graduanda à época, ao mesmo tempo que era chamada pelas mulheres, todas de mais idade do que eu, assim como pelas minhas professoras, de “professora”. O exercício desafiador de ocupar conscientemente um lugar de poder nas oficinas, enquanto “professora” de mulheres que sempre considerei terem muito mais a me ensinar, ao mesmo tempo sendo aluna e tendo a primeira experiência em campo, me cobrou a atenção ao bordado e sua importância nas relações no Fuxico do Bem.

Apesar de fazer parte do projeto desde 2020, a convivência com o Fuxico do Bem foi mais intensa entre 2022 e 2023, o que desafiou os meus sentidos em campo. Por alguns meses, a pesquisa parecia ter perdido a relevância pois as minhas expectativas sobre o que seria compartilhado foram frustradas pelo fuxico de coisas que pareciam tão banais. A pouca experiência inicialmente me impediu de compreender a importância de passar algumas tardes bordando e conversando com outras mulheres no quilombo de Mituaçu.

Na realização das oficinas, não era possível ditar o que seria contado pelas mulheres. Na verdade, durante alguns encontros, eram elas que guiavam as perguntas para nos conhecer melhor. A partir da experiência, compreendi a perspectiva de Marilyn Strathern (2014) sobre a etnografia ser uma experiência incontrolável.

Fazer fuxico etnográfico

Para fazer o *fuxico etnográfico* é preciso unir algumas ferramentas artesanais: o fuxico feito e recebido em campo, o fuxico feito na escrita e a etnografia como experiência vivida e teorizada. Assim como para bordar, para fazer o fuxico utilizamos a agulha. Fernanda Peixoto, em artigo de 2020, nos aponta os riscos da agulha nas mãos de mulheres artistas-artesãs-ativistas como aparelho de denúncia e fazer político. O fuxico etnográfico tem participação na reflexão desse risco mas quando operado pela antropóloga não-quilombola que apresentará o campo teorizado para um público de

maioria também não-quilombola. Assim, o risco muda o alvo da ameaça e pode servir como arma contra os direitos, fazeres e saberes de mulheres quilombolas como as Fuxiqueiras do Bem.

Através de práticas artesanais como o fuxico e o bordado, a pesquisa etnográfica foi interpelada de questões éticas cada vez mais complexas sobre proximidade e convivência com as interlocutoras e a cobrança cada vez mais evidente de uma pesquisa coletiva e responsável, o contrário das pesquisas normalmente feitas com comunidades tradicionais (Dealdina, 2021), com as Fuxiqueiras do Bem. A relação de poder entre pesquisadora/pesquisadas se tornou uma questão central, se transformando em medo. O medo se apresentou em campo algumas vezes através do soluço, sabedoria de Maria Aparecida que dizia ser o soluço “coisa de quem tem medo”.

Conheci as Fuxiqueiras presencialmente em 2021, mas já bordava sobre o quilombo de Mituaçu desde 2020 durante a exigência de distanciamento social imposto pela pandemia de covid-19, nas atividades online do projeto de extensão Histórias de Quilombo (Unila/UFPB). Foram os meus bordados apresentados ao grupo da universidade e da comunidade que iniciaram uma organização de encontros presenciais em forma de oficina para aprender a bordar. Com a volta das atividades presenciais de forma segura, em 2022, apresentamos uma proposta de encontro onde eu seria a oficina de bordado livre às Fuxiqueiras do Bem. Com os ajustes necessários e organizando as ações do projeto às demandas das mulheres, passamos a nos reunir quinzenalmente na escola de Mituaçu, às quartas-feiras, no período da tarde para bordar.

Com o avançar das oficinas, busquei desenvolver um objeto de pesquisa, tendo as Fuxiqueiras do Bem — Ana, Maria Aparecida, Lanny, Ivanilda e Penha — como as minhas interlocutoras e o campo da Antropologia Visual como referencial teórico, com orientação das coordenadoras do projeto Aina Azevedo (UFPB) e Patrícia Pinheiro (Unila). Foi apenas no momento da escrita, ainda realizando as oficinas, que o campo “apareceu” e com ele o objeto, assim como Strathern (2014) nos provoca a pensar trabalho de campo como esse movimento duplo entre estar em campo fisicamente e criar o que ela chama de segundo campo através da escrita etnográfica.

As Fuxiqueiras desafiaram o trabalho de campo ao não compartilharem sobre problemas na comunidade que normalmente encontramos como objeto de pesquisas antropológicas sobre quilombos e pessoas quilombolas. Esperamos encontrar em campo realidades de opressão como se existissem em universalmente no contexto de

comunidades tradicionais. Há uma expectativa de objeto que seja construído em torno de “grandes problemas” em Mituaçu, que são de fato existentes, como questões fundiárias, o racismo ambiental. As Fuxiqueiras, como interlocutoras, não falavam muito sobre isso. É claro que essas questões apareceram ao contarem sobre os seus cotidianos, é inegável a influência desses problemas em suas vidas. Mas o que elas preferiam fuxicar invertia a lógica da colonialidade, dando mais espaço para a grande alegria do encontro e fuga de seus cotidianos. É preciso descentralizar as opressões “ocidentocêntricas”, universalizadas pelas práticas científicas ocidentais (Oyèrónkè Oyěwùní, 2021).

Os bordados ajudavam a acessar algumas histórias da comunidade e cada uma apresentava a sua versão. Cada conto puxava um novo, as memórias de uma complementavam as de outra. O desafio da escrita etnográfica, quando convivemos com nossas interlocutoras e temos uma relação afetiva e um compromisso ético bem delineado, é a atenção nos detalhes que serão compartilhados no texto. O *fuxico etnográfico* é o que teço sozinha, sem a companhia das Fuxiqueiras e tem como objetivo se tornar texto acadêmico. Mas o fuxico, quando bem feito, tem a boca fechada. Ou seja, nem tudo o que me foi fuxicado pode entrar no texto — alguns fuxicos não são meus para serem entregues a um público externo à relação entre pesquisadora e Fuxiqueiras.

Dessa forma, os bordados aparecem como suporte que chamam a atenção desse público a fuxicos que as Fuxiqueiras decidiram por fazer no tecido, além de valorizar a construção de uma narrativa feita, ou melhor, tecida pelas mãos de mulheres artesãs do quilombo de Mituaçu. Ocorre então uma saída da lógica ocidental da universalização das opressões, que coloca mulheres negras no lugar de subalternidade através da lógica de dominação social (Lélia González, 2020). Fuxicar é contar *com*, sem separar experiência e texto etnográfico, assumindo a pesquisa como processo criador de memórias (Santos, 2023). Como colocado por Givânia Silva, é preciso refletir sobre “como fazer pesquisa com envolvimento, coautorias e liberdade dos sujeitos e campos de nossas pesquisas” (2022, p. 354).

“Todo fuxico é do bem?”²

No projeto de extensão Histórias de Quilombo (Unila/UFPB), durante a busca por novas metodologias compartilhadas, experimentamos com desenhos, colagens, fuxicos e bordados. A grafia escrita nos impõe outro desafio dentro das instituições já que o que escrevemos, apesar de carregar nomes, histórias e biografias de nossos(as) colaboradores(as), não carregam sua autoria.

Mas outras grafias, pouco valorizadas pelo cientificismo acadêmico, permitem e elaboram melhor esse fazer compartilhado. É interessante notar como trabalhos desenvolvidos com outras formas de grafia — seja enquanto método, processo, recurso etnográfico, abordagem antropológica — comumente apresentam pesquisas com mulheres, feitas por mulheres.

Para além da relação sócio-histórica que rodeia a técnica artesanal do bordado enquanto uma prática socialmente relacionada a expectativas do que se construiu ao redor da ideia de feminilidade, a desobediência de pesquisar com, a partir ou sobre o bordado tem sido um caminho para uma antropologia verdadeiramente compartilhada e propositiva, de reelaborações metodológicas e teóricas, que se preocupa com as formas e conteúdos das pesquisas. O bordado é capaz de aproximar a distância criada pela escrita.

Na região do médio/baixo Xingu, mulheres de Altamira, Pará, bordam *arpilleras* como prática de denúncia e resistência, das violências sofridas pelos processos de expulsão e realocação de suas vidas como resultado da instalação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, ou Belo Monstro, como a antropóloga e educadora Ralyanara Freire (2021) conta em sua tese. Mas Freire não se interessa apenas pelos bordados de suas *manas*, mas acaba também se envolvendo nesse fazer, que se torna processo e método de pesquisa. A feitura do bordado, na linguagem das *arpilleras*, se torna um “pensar-saber-fazer” antropologias. Em dois volumes, Freire, com experiência de costura, apresenta a sua tese-bordada e o bordado-tese.

Em seu trabalho, Freire sugere a construção de *antropologias bordadas* que tornam centrais a percepção de uma ciência subjetiva e de um tempo diferente, mais lento do que muitos dos prazos acadêmicos nos impõem. Com o caminhar com a

² Pergunta feita durante a sessão de perguntas durante a minha comunicação no V Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica (EAVAAM), em 2023, pela doutora Manoela Karipuna.

pesquisa junto às Fuxiqueiras do Bem, o conceito de Freire tem ressoado cada vez mais pela generosidade não apenas com os prazos institucionais, mas pela capacidade de trabalhar junto a essas mulheres, respeitando acima de tudo os seus tempos, suas disponibilidades. A extensão universitária, através do projeto Histórias de Quilombo (Unila/UFPB), tem construído experiências de uma formação e de uma institucionalidade compartilhada e criativa.

Quando saímos do tempo da etnografia do campo para a etnografia do gabinete (Strathern, 2014) contamos histórias, descrevemos interlocutores(as), organizamos o campo físico em campo escrito. Com diferentes recursos narrativos, descrevemos o que dizemos ter observado e escutado, ou fuxicado e bordado. Nesse processo de escrita, aliado às atividades em campo, compreendi que as mulheres delimitaram os assuntos nas nossas conversas. Elas fuxicavam sobre suas vidas pessoais, em uma demonstração de confiança e de fortalecimento afetivo conosco. Essa compreensão complexifica as tentativas de escrita em relação às oficinas e à experiência etnográfica como processo coletivo e chama atenção à responsabilidade sobre quais fuxicos precisam ter a sua boca fechada.

O fazer do bordado implica um saber de um tempo, como nomeia Freire, vagaroso. Quando o bordado é feito em um contexto de compartilhamento, aprendemos histórias de vida, criamos e contamos memórias, percebemos nossas facilidades e dificuldades manuais, nossas limitações criativas que se expandem com o pensar-saber-fazer de outras pessoas. Delineio ainda como o conceito de *fuxico etnográfico* é um convite direto à co-criação e valorização das pessoas com quem trabalhamos.

Considerações finais

Neste artigo, busquei expandir essas significações de fuxico e pensá-las junto ao fazer manual e artesanal do Fuxico do Bem em diálogo com a antropologia. Nas oficinas foi possível fuxicar através de artesanatos e fuxicar criando artesanatos. De ambas as formas, as manualidades dessas mulheres seguem na apresentação da pesquisa não como ilustração ou estética, mas como presença que dá sentido ao trabalho

Enquanto mulher não-quilombola, o bordado possibilitou o trabalho de campo e todo um trabalho de conclusão de curso, a partir de conversas em tardes para bordar. O

conceito de *fluxico etnográfico* é importante para construir metodologias de forma compartilhada com as pessoas com quem pesquisamos. Fazer *fluxico etnográfico* é o exercício de fechar a boca de alguns fluxicos. Givânia Silva (2022) nos convida a repensar as nossas construções metodológicas de forma que nós, enquanto pesquisadoras, participemos das atividades das pessoas com quem pesquisamos e não o contrário. No caso das Fuxiqueiras, há uma ausência de atividades em seus cotidianos que giram em torno do fazer artesanato como lazer, de oportunidades para o encontro. O projeto possibilita esse encontro ao organizar um espaço, o material e o transporte, o que ajuda na forte participação em nossas atividades.

O *fluxico etnográfico* é uma escolha narrativa da etnografia, uma metodologia que implica na construção de projetos e empreitadas antropológicas sempre coletivos e criativos, que repense as estratégias do fazer etnográfico em todos os seus momentos. É a assunção de uma escolha ética e criativa que reforça a presença das Fuxiqueiras do Bem no texto, em um experimento de co-autoria e de assumir o fazer etnográfico como localizado e engajado na construção de um conhecimento parcial e situado (Donna Haraway, 2009).

As oficinas foram uma atividade de construção epistemológica. A etnografia desafia nossos repertórios de palavras e projetos, assim como nossos métodos e materiais. O *fluxico etnográfico* alimenta o repertório da discussão sobre o fazer etnográfico, as nossas responsabilidades ao falar com e sobre as pessoas com quem pesquisamos. Para além de informações e “dados”, o *fluxico etnográfico* propõe admitirmos a riqueza fabulativa da etnografia, o que a torna ainda mais legítima, assim como buscar ao máximo impedir que as pessoas com quem pesquisamos sejam apagadas e desvalorizadas, ou apenas soltas em nossos textos como relatos que a nossa voz enquanto antropólogos/as e as vozes dos/as autores/as que usamos no texto não têm interesse em conversar.

Ao fim, no meio e em seu começo, a pesquisa parte das problemáticas sobre disputas territoriais, racismo, apagamento histórico e desvalorização de comunidade quilombolas e as pessoas que constroem o seu território, em especial as mulheres. O *fluxico etnográfico* propõe pensar essas problemáticas a partir de outros pontos de partida, como o artesanato. O *fluxico etnográfico*, através da construção de uma antropologia bordada, é um convite a não ter medo, a desenvolver laços e valorizar a colaboração das e entre mulheres, seus pensares, fazeres e viveres.

Referências

- AZEVEDO, Aina; PAIXÃO, Aline; PINHEIRO, Patrícia. Convivendo no quilombo de Mituaçu (PB): de uma coleção etnobotânica a uma coleção etnobotânica a uma coleção de histórias. *Iuminuras*, Porto Alegre, v. 23, n. 61, pp. 149-174, out., 2022.
- CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: Gonçalves, José R. Santos (Org.). *Antropologia e Literatura no Século XX*. CLIFFORD, James. A experiência etnográfica. 2002.
- DEALDINA, Selma dos Santos. Mulheres quilombolas: defendendo o território, combatendo o racismo e despatriarcalizando a política. In: DEALDINA, Selma dos Santos (Org.). *Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas*. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2021.
- FREIRE, Ralyanara Moreira. *Cerzindo o tecido social: Resignificações do bordado arpillera e a vida de atingidas por Belo Monstro*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2021.
- GONZÁLEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- INGOLD, Tim. Antropologia não é etnografia. In: Ingold, T. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, v. 15, n. 32, dec. 2009.
- OYĚWŪMÍ, Oyèrónkẹ. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.
- SANTOS, Gabriela Novaes. Fuxico do Bem: alinhavos entre memória, educação e bordado no quilombo de Mituaçu. *TCC (Licenciatura em Ciências Sociais)* – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 75. 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/116092527/Fuxico_do_Bem_Alinhavos_entre_mem%C3%B3ria_educa%C3%A7%C3%A3o_e_bordado_no_quilombo_de_Mitua%C3%A7%C3%A3o_e_PB_. Acesso em: 12 mar. 2025.

STRATHERN, Marylin. *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SILVA, Givânia Maria da. *O Quilombo de Conceição das Crioulas: uma terra de mulheres: luta e resistência quilombola*. 2022. 381 f., il. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.